

Ilha de Moçambique e cidade de S. Sebastião: ponte do arsenal

CIDADE DE S. SEBASTIÃO DE MOÇAMBIQUE

I

Portugal é bem comparavel, infelizmente, ás vaccas do sabido apologo, que se definhavam magras e exhaustas de forças no meio de prados feracissimos, cobertos de opulenta vegetação.

É triste sorte, na verdade, padecer necessidades e mostrar aspecto de miseria e fraqueza, tendo á sua disposição tantos e tão poderosos recursos, tão infinitas e variadas riquezas!

Como se não bastassem para a felicidade de um povo os recursos naturaes d'esta terra, onde a Providencia nos collocou, aprouve a Deus que se unissem a este reino longinquas regiões, para assim se formar uma vastissima monarchia, que nada tivesse que invejar ás mais, por ter dentro em si quasi todas as especies de fructos e dons que a natureza repartiu por todo o mundo.

Mas que importa que de tão oppostos e afastados pontos do globo convergissem para um centro tantos e taes elementos de opulencia e poder, se o desamor da patria e do trabalho os não aproveita e fecunda? De que servem os metaes preciosos, se não vem a industria transformal-os em instrumentos activos do bem-estar da humanidade?

As nossas possessões d'além-mar são para nós quasi unicamente como um éden que estamos vendo e onde nos é prohibido entrar; como um thesouro cuja guarda nos foi confiada, e que não nos é licito tocar. Mas um dia virá em que, se não deixarmos cair da corôa de Portugal essas joias n'ella engastadas pelo arrojo e valor dos nossos maiores, joias que ainda brilham com o reflexo das antigas glorias dos portuguezes, um dia virá, repetimos, em que outra geração, menos egoista e mais laboriosa que a actual, levará a vida e o progresso a esses sertões da Africa e da Asia, hoje adormecidos sob o pavilhão das quinas, emblema outr'ora do valor, da energia e do progresso.

Quando raiar esse dia, a provincia de Moçambique, a mais vasta e a mais rica das nossas possessões ultramarinas, converter-se-ha para Portugal em fonte inexhaurivel de riquezas, em elemento de grandeza e poder, e em verdadeiro padrão de honra nacional, porque ás tradições da gloria juntar-se-hão os trophéos da moderna civilisação, representados pelos prodigios da industria.

Não se diga, para amortecer as côres d'esse quadro que ahi traçâmos, que se as nossas provincias d'além-mar se virem prosperas sacudirão n'esse dia o jugo da metropole. Que importa que rompam as ligações do dominio, se os interesses que lá cimentarmos, as relações do commercio, a identidade de lingua e de costumes, e, em fim, a voz do sangue, conservarem e apertarem laços com que fraternalmente nos prendamos? Como operam, se entretecem e fortalecem estes laços naturaes, dizem-n'o as relações que ligam os Estados Unidos da America á Gran-Bretanha, apesar de antigos odios, exacerbados por cruas guerras, e mau grado de ciumes e rivalidades que de vez em quando acordam ameaçadores.

Posto que seja o nosso proposito tratar da cidade de Moçambique para esclarecimento de uma serie de gravuras inéditas que vamos publicar, delinearemos em abbreviado esboço a historia e geographia da provincia do mesmo nome, como o melhor testimunho em abono das nossas asserções.

II

Todos sabem quanto el-rei D. João II tomou a peito a continuação dos descobrimentos encetados pelo illustre infante D. Henrique. Entre as diversas expedições que enviou ao longo da costa e através dos sertões da Africa, conta-se a de João Peres da Covilhã e Affonso de Paiva. Estes intrepidos viajantes, affrontando todos os perigos das jornadas por terras inhospitas, povoadas de selvagens e animaes ferozes, foram os primeiros portuguezes que visitaram a costa oriental da Africa e a ilha de Moçambique, tendo atravessado o Egypto e a Abyssinia. Corria então o anno de 1487.

Regressando á patria, as suas informações incitaram o monarcha a proseguir na empreza do suspirado descobrimento da carreira da India. Reservára, porém, o destino para outrem a gloria de concorrer para a resolução d'este grande problema. El-rei D. João II falleceu ao cabo de dez annos de governo, periodo curto para um reinado, mas tão longo para a gloria d'este soberano, que o seu povo lhe conferiu o honroso epitheto de *principe perfeito*.

Coube a el-rei D. Manuel a fortuna de realisar o sonho doirado de D. João II. Vasco da Gama, saído do Tejo aos 8 de julho de 1497, dobrou o *cabo das Tormentas*, a que poz o nome de *Boa Esperança*, no dia 22 de novembro do mesmo anno, e no primeiro de março de 1498 avistou a ilha de Moçambique.

Era então habitada esta ilha por uma colonia de arabes do mar Roxo, e por alguns gentios da Asia que alli traficavam, permutando os productos da India com o oiro, ambar, marfim e outras producções de Sofala e Monomotapa. Sendo, pois, a ilha um mercado dos generos asiaticos e africanos, servia de escala aos commerciantes nas suas viagens entre as cidades de Quiloa, da Mina e de Sofala.

Depois de ter communicado com a ilha, recebendo provisões e presenteando o régulo, collocou Vasco da Gama em uma ilha proxima da de Moçambique um padrão dedicado a S. Jorge, de que a ilha veiu a tomar o nome; e logo, mandando suspender ferro aos seus navios, partiu em demanda da India.

Não seguiremos, porém, o arrojado nauta na sua gloriosa empreza, porque o nosso assumpto se limita á Africa.

No dia 20 de julho de 1500 surgiu em frente da ilha de Moçambique a armada de Pedro Alvares Cabral, que vinha de descobrir o Brasil. Era a segunda armada portugueza que sulcava aquelles mares. Emquanto os seus navios ahi se reparavam de algumas avarias causadas pela tempestade, e se proviam de mantimentos, mandou Cabral a Sancho de Toar descobrir o porto de Sofala; o que este executou, trazendo de lá as melhores informações.

Voltando Cabral a Lisboa com as boas novas dos seus descobrimentos, ordenou D. Manuel a Vasco da Gama, que ia partir pela segunda vez para a India, que visitasse na sua passagem o porto de Sofala.

Reconheceram logo os navegadores portuguezes a importancia d'este porto para o commercio, e d'aquella ilha como ponto de escala para a derrota da India. Assim, pois, as nossas armadas, qualquer que fosse o seu destino para além do cabo da Boa Esperança, iam reparar os navios e receber refrescos á ilha de Moçambique, e trocar mercadorias ao porto de Sofala.

Ao reconhecimento d'estas vantagens não podia deixar de seguir-se o pensamento da posse de tão importantes pontos. Em 1505, Pero de Anhaya, tendo travado relações de amizade com o velho rei Yçuf, que tinha a sua corte em uma pequena povoação nas margens do rio de Sofala, a algumas legoas distante da sua foz, obteve licença d'este soberano para fundar uma fortaleza junto á barra do rio. Apenas conseguiu a permissão, deu-se pressa Pero de Anhaya a levar a effeito a fundação; e com tal actividade trabalhou n'ella, que ao fim de mez e meio tinham os nossos para se acolherem e defenderem contra qualquer ataque um recinto fortificado e cingido com profundos fossos. Depois continuaram as obras até deixarem levantada uma boa fortaleza n'essa posição duplicadamente vantajosa, porque ao passo que favorecia o commercio, dominando a foz d'aquella importantissima via fluvial, era um excellente posto militar, pela facilidade de ser provida e soccorrida pelas nossas esquadras.

Tal foi o começo da colonisação portugueza na costa oriental da Africa. Esse limitado dominio, que principiou com o titulo de capitania de Sofala, tanto se estendeu, graças ao denodo e esforço de um punhado de portuguezes, que em breves annos constituia uma provincia com centenares de legoas banhadas pelo Oceano e cortadas por caudalosos rios.

Á edificação d'aquella fortaleza seguiu-se de perto a posse da ilha de Moçambique. As traições e maleficios praticados contra os nossos pelos arabes que alli dominavam, demonstrando evidentemente o odio que nutriam contra os seus novos hospedes, forneceram o pretexto plausivel para estes lhes moverem guerra e se apossarem da ilha, o que realisaram correndo o anno de 1506.

A esse tempo já a fortaleza de Sofala tinha resistido gloriosamente ao primeiro accommettimento dos indigenas; e já via edificada junto de seus fossos uma pequena povoação de moiros, que, em prova de amizade e para servirem aos portuguezes como de corretores para o seu commercio com os negros do sertão, tinham vindo collocar-se sob a protecção da nossa bandeira.

Pouco depois d'esta victoria, succumbiu Pero de Anhaya victima das febres endemicas. Teve este valente militar dois successores no governo de Sofala, antes que chegasse de Lisboa a nomeação da pessoa idonea para aquelle cargo. O escolhido foi Vasco Gomes de Abreu, que assumiu o governo em 1507 com o titulo de capitão de Sofala e Moçambique.

Em cumprimento das ordens que trazia de levantar uma fortaleza na ilha de Moçambique, encarregou d'esta commissão a Duarte de Mello, que partiu immediatamente para o seu destino, com o emprego de feitor e alcaide-mór da fortaleza que ia fundar. Não obstante a actividade com que dirigiá esta construcção, o grande Affonso de Albuquerque, então governador da India, estava tão impaciente por ver bem defendida aquella ilha, e assim assegurado n'ella o nosso dominio, que instava vivamente com Vasco Gomes de Abreu para que apressasse a conclusão d'aquella obra. Gomes de Abreu resolveu-se então a ir presidir aos trabalhos, e a incitar e animar os operarios com a sua presença. Desgraçadamente, a embarcação que o transportava para a dita ilha perdeu-se, sem que se podesse salvar pessoa alguma. Suppõe-se que soçobraria na viagem, pois que nunca se soube do fim que tiveram o navio e os individuos que continha.

Concluiu-se a fortaleza em 1508. Foi esta edificada na ponta da ilha, á entrada da barra, tendo no interior quarteis para tropa, uma egreja dedicada a S. Gabriel e um hospital. Porém, passados annos, já no reinado de D. João III, aportando á ilha de Moçambique a armada que conduzia o quarto viso-rei da India, D. João de Castro, este famoso capitão achou tão importante a posição da ilha, parecendo-lhe que a fortaleza estaria mais bem collocada para a sua defesa em outro logar, que propoz a el-rei a mudança d'ella; pensamento que se levou a effeito. E alguns annos depois foi concedida aos jesuitas a antiga for-

taleza para alli edificarem o seu collegio de S. Paulo, que é actualmente o palacio do governo.

Porém, em quanto d'est'arte se impunha respeito aos moiros que viviam na ilha, estes, procurando vingar-se da oppressão que os nossos lhes faziam, entendiam-se em secretas intelligencias com os seus irmãos do continente visinho, e uns e outros não poupavam meios e esforços para nos malquistarem com os povos que habitavam as terras da Africa Oriental. E por tal modo souberam explorar a natural desconfiança e animosidade dos negros contra os portuguezes; tanto excitaram n'elles o ciume da preponderancia que os nossos iam adquirindo n'aquelles territorios, que justamente chamavam seus, que, a final, toda a negraria dos sertões se conjurou para nos expulsar d'aquellas terras da Africa. Ora vindo em grandes massas atacar as nossas fortalezas da beira-mar; ora fazendo correrias, em que roubavam e devastavam as nascentes colonias, assassinando todos os portuguezes e quaesquer individuos de outras castas seus alliados, que lhes caíam nas mãos; fizeram-nos toda a sorte de guerra e de vexames que o odio póde inventar. Até chegaram a pôr em grande apuro a propria ilha de Moçambique, obstando a que da terra firme lhe fossem enviados mantimentos.

Porém tão fortes eram n'essa epocha no peito dos portuguezes os estimulos do brio e do amor da gloria, que, tirando forças da propria grandeza do perigo, não sómente conseguiram repellir os inimigos e conservar os logares onde tremulava o pavilhão das quinas, mas até lograram estender extraordinariamente o seu dominio.

Começaram essa gloriosa empreza por expulsar os moiros da ilha de Moçambique, e logo depois, levando a guerra ao continente, e caminhando de victoria em victoria, apoderaram-se de tantas cidades e conquistaram tão grande extensão de territorio, que a corôa de Portugal chegou a ter sujeita ao seu dominio quasi toda a costa oriental da Africa.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

O PRIMEIRO AMOR DE UM REI

(Vid. pag. 174)

X

MORTE DO CARDEAL CISNEROS

Visitaria o principe de boa vontade as reliquias de Oviedo, mas a peste dizimava n'aquella epocha os habitantes da cidade, e todos lhe aconselhavam que seguisse o caminho sem se demorar na capital das Asturias.

Chegou, portanto, a San-Vicente de la Barquera, e alli se demorou só alguns dias, apesar do desejo que tinha de entrar quanto antes em Valhadolid.

Dissemos em um dos anteriores capitulos que o rei dirigíra uma carta ao cardeal e ao deão de Lovaina, então já bispo de Tortosa, ordenando-lhes que afastassem o infante dos nobres que o serviam. Esta resolução, executada fielmente pelo cardeal, apenas causou leve impressão no infante, porque, continuando preoccupado com a desapparição de Anna, soubera que estava na Allemanha, e desejava sob qualquer pretexto ir visitar o avô paterno, só com o intuito de procural-a, porque, em vez de a esquecer, sentia que se lhe enraizava cada vez mais no coração a paixão que lhe professava.

Gonçalo Nunez de Gusmão, seus sobrinhos e os outros nobres que eram empregados no serviço do infante, viram todos os seus planos mallograrem-se ao serem despedidos sem appellação; e, destruido d'este modo o nucleo da conspiração, ficaram todos os parciaes do infante exanimes, e Castella teve que encher-se de alegria, a seu pezar, de certo, logo que se publicou a noticia official da chegada de D. Carlos, então ainda o primeiro de Hespanha, noticia que o proprio rei communicou a todos os grandes do reino e a todos os cidadãos, por cuja razão houve festejos publicos mui brilhantes e esplendidos, nos quaes o povo, sobre tudo, mostrou sincero contentamento por ver que, a final, ia ter um monarcha que dissiparia as luctas internas com que o incommodavam a todos os instantes.

O cardeal, satisfeito por ter cumprido escrupulosamente as ordens do novo soberano, com relação aos empregados da casa do infante, mas desejando ao mesmo tempo ser agradavel a sua alteza, enviou-o a Flandres, e esperou no mosteiro de Aguilera o instante de pôr nas mãos de Carlos as redeas do governo, que nas d'elle tinham dominado a ambição e o desregramento dos nobres, e consolidado a politica iniciada pelos reis Fernando e Isabel.

Os flamengos, que lhe conheciam o caracter e a influencia que podia ter nas deliberações do monarcha, tinham decidido empenho em que não viesse. Os que vinham acompanhando o rei desde Flandres receavam, principalmente, que por sua mediação os despedissem do serviço real, e queriam conservar os cargos a todo o custo.

Com este fim murmuravam constantemente do cardeal junto do soberano, e conservavam ao lado do illustre prelado, como assistente, um medico partidario que lhes participava diariamente os progressos da enfermidade que levava pouco a pouco ao sepulchro Ximenez de Cisneros.

Carlos conservava occulta a ambição que, graças á sua energia, devia mais tarde levantal-o á altura dos Cesares.

Por outro lado a mulher de seus sonhos, que víra personificada na orphã protegida pelo senhor de Hevia, promettêra-lhe, quando lhe appareceu, que elle reuniria em um só sceptro as nações mais ricas e poderosas da terra, que o seu imperio seria tão celebre como o de Alexandre, e que dominaria as sedições e a soberba dos cortezãos; e estas palavras, nas quaes acreditava, porque lisongeavam o seu orgulho de soberano, e porque ella as pronunciára, lhe faziam envolver a idéa da soberania com a da paixão.

Pisando o territorio hespanhol, novo e bello aos seus olhos, comprehendeu a grandeza e o poder, e desenvolveu-se n'elle a energia que no futuro lhe caracterisou os actos da vida.

— O cardeal que tem estado á frente do governo desde o fallecimento do avô de vossa magestade, disse-lhe o primeiro camarista, sente a vinda de vossa magestade, porque lhe arrebata o poder e o prestigio; e se tiver alguma conferencia com elle, o que os verdadeiros amigos de vossa magestade querem evitar, chegará a dominal-o como a todas as pessoas que o cercam. Todos os nobres que me fallam d'elle julgam-n'o partidario do infante D. Fernando, e, se não protege sua alteza, o que seria faltar á auctoridade do soberano, e é sobejamente hypocrita para commetter tal acto, quando menos exigirá de vossa magestade, em premio da sua simulada lealdade, uma obediencia cega, e isto não convém á dignidade del-rei, nem ao augusto nome que vossa magestade herdou de seus antepassados.

— Não succederá o que prevês, exclamou o principe. Fica descançado! Elle virá a Mojados com os do conselho, e, depois de inteirar-me do estado dos negocios publicos, ordenarei que se recolha a um convento para passar o resto dos dias; e para que vejas qual é o meu proposito a este respeito, senta-te e escreve uma carta para elle.

Guilherme de Croy obedeceu, occultando habilmente a intima alegria, e n'aquelle instante Carlos pagou ao homem que com vigorosa lealdade lhe conservára o reino, contraminando o trabalho de fidalgos ambiciosos, e lançando no solo os cimentos da verdadeira soberania; Carlos pagou a esse homem, repetimos, com uma ingratidão das mais negras que refere a historia.

O cardeal estava muito doente, sentia dores agudas, e circulavam vozes entre o povo de que a sua doença era a consequencia de um veneno que os flamengos lhe tinham ministrado. Diziam até que o veneno lhe fôra dado em um jantar; mas estes boatos não tinham fundamento solido, como se averiguou.

Adoecêra, porque a edade avançada, a conquista de Oran, e os graves desgostos e trabalhos da regencia, exhaurindo-lhe as forças, o tinham ferido mortalmente; mas a carta do recem-vindo soberano, que recebeu quando estava em Roa, foi o maior desgosto da sua vida.

Tantos annos de serviço, de abnegação e lealdade, pagos com um desprezo tão profundo como o que lhe manifestava o principe! Aquelle golpe para um homem como Cisneros, quando oitenta invernos o impelliam para a sepultura, aggravou-lhe a enfermidade e originou-lhe a morte.

Partiu el-rei de San-Vicente da la Barquera para Aguilar del Campo; d'alli foi a Vecerril, onde saíu a recebel-o o condestavel de Castella, D. Inigo Fernandez de Velasco; depois seguiu para Palencia, e demorou-se em Tordesillas, a fim de visitar sua pobre mãe, que desejava vêl-o e abraçar sua filha Leonor.

Infeliz rainha!

O seu amor e a sua grandeza, o importante papel que estava chamada a desempenhar, o seu orgulho e a sua belleza, jaziam sepultados em um convento. Chamavam-lhe rainha, mas denominavam-n'a *doida*, e, victima primeiro do desprezo do esposo e depois das intrigas dos cortezãos, vivia em uma simples cella como a mais humilde das esposas de Christo.

Desejava ver os filhos, porque havia muitos annos que os não apertava contra o coração, e as desgraças não tinham podido apagar-lhe n'alma o sentimento materno.

Finda a visita, partiu o rei com a sua comitiva para Valhadolid, e na passagem as populações não deixavam de saudal-o com as mais singulares demonstrações de regozijo.

Pouco tempo depois da chegada do principe á capital de Castella, falleceu em Roa o cardeal Ximenez Cisneros, e a sua perda, pouco sentida pelo rei e pelos nobres, mas bastante chorada pelo povo, foi muito maior para Carlos que para a Hespanha; porque o rei, ainda moço e no poder dos flamengos, ávidos de sugar a nação que pisavam á sombra de seu augusto amo, carecia dos conselhos e da experiencia de homem tão sabio, tão energico e tão probo como o cardeal de Hespanha.

Os seus restos mortaes foram conduzidos á universidade de Alcalá de Henares, fundada por elle, e ainda hoje se conservam no sepulchro monumental sobre o qual se vê deitada a estatua de Cisneros com os habitos de arcebispo.

XI

GUILHERME DE CROY, SENHOR DE CHIÈVRES

Saibamos a fundo quem era o primeiro camarista del-rei Carlos I de Hespanha, e anteriormente seu preceptor.

Guilherme de Croy, senhor de Chièvres, contava entre os ascendentes os reis de Hungria.

Estevão de Hungria, filho terceiro de Bella, a quem Colomão, rei de Hungria, seu tio, mandára arrancar os olhos, passou a França reinando n'ella Luiz o *Moço*, no anno 1173. D'esta régia vergontea nasceu, vinte gerações depois, Guilherme de Croy, o qual casou com Maria Magdalena de Hamal, e separou-se d'ella ao cabo de algum tempo, allegando que não lhe dava descendencia.

Desde a mocidade, ambicioso de mando, conseguíra captar a benevolencia do imperador Maximiliano, proporcionando-lhe com o seu talento os recursos para levar a cabo as guerras em que se empenhava.

Quando el-rei D. Filippe passou á Hespanha com a rainha D. Joanna, a fim de assumir o governo do reino, nomeou-o governador de Flandres.

Perdeu depois, não nos occorre por que circunstancia, o valimento junto do imperador, e como desejasse entrar no serviço de seu neto, offereceu oito mil ducados ao principe de Ximay para que lhe cedesse o cargo de preceptor de Carlos I, que então desempenhava.

Uma vez entrado no paço, submetteu ao seu capricho a vontade do educando, estabeleceu logo divergencia entre elle e a princeza Margarida, alcançou que o primogenito de D. Filippe e de D. Joanna entrasse na posse dos estados de Flandres, e, lisongeando-o quanto podia, chegou a dominal-o por tal modo, que o moço principe D. Carlos não fazia nem pensava nada sem consultar com elle.

A sêde de oiro e de poder não se saciava nunca. Tendo sido o arbitro dos destinos de Flandres, queria o senhor de Chièvres representar egual papel no reino de Hespanha.

Quando Carlos entrou nos seus dominios hespanhoes já o primeiro camarista, Guilherme de Croy, contava bastantes annos, mas isto não obstava a que a vida d'este cortezão fosse das mais folgazãs e licenciosas; muitas vezes quizera arrastar o seu augusto amo pela mesma senda; mas como era ainda moço, e passára os annos da puericia sempre fraco e enfermo, tinha receio, esperava a occasião opportuna, e a sua alegria foi immensa quando D. Carlos lhe expozera um desejo que comprehendia e approvava, porque d'este modo, sendo confidente das fraquezas do monarcha, augmentaria o seu prestigio e influencia.

Satisfeito, pois, apressou-se em comprazer á primeira paixão que víra brotar na alma do moço principe, e lançou mão de certos recursos para cumprir a palavra dada.

Immediatamente depois de saber os desejos do seu educando, pensou no partido que deveria tomar para se apoderar, por vontade ou por força, da joven.

Averiguou primeiro quem era, e soube com todos os pormenores a historia que Rogero, o pagem del-rei, contára a seu amo.

O senhor de Hevia, separado dos filhos, viuvo havia muitos annos, e vergando ao peso dos annos, reconcentrára em Maria o seu carinho, e sentia para ella um affecto paternal.

Maria, por sua parte, amava-o como filha, cantava como rouxinol, e suavisava, entoando lindas endechas, as tristes horas de viuvez do seu protector. Não conhecia a ambição. Acostumada á desgraça, era feliz ao lado do velho fidalgo, embora sonhasse muitas vezes em outra vida cheia de alegrias e encantos. Mas, como a avesinha na gaiola, cantava para desafogar saudades, e esperava tranquilla a hora da liberdade, sem saber quando, nem sequer se chegaria a soar.

Estas circunstancias eram outros tantos obstaculos de summa consideração para decidil-a voluntariamente a deixar o pacifico albergue.

O primeiro camarista promettêra, comtudo, a el-rei que tornaria a vêl-a em Valhadolid, e era forçoso cumprir a promessa. E havia de cumpril-a, ainda que tivesse de empregar a violencia ou a perfidia. Não

pediu para isso o auxilio de ninguem. Contava com a propria astucia.

N'uma occasião em que Maria se dirigia á capella do palacio, o senhor de Chièvres tomou-lhe o passo e disse-lhe:

— Peço desculpa, minha senhora, mas desejo que me conceda alguns instantes de attenção; um singular acaso deu-me a conhecer a residencia de sua irmã, e quero fallar-lhe d'ella.

Maria ficou soprendida.

— Não o conheço.

— Sou o senhor de Chièvres, camarista de sua magestade.

— Dizia...

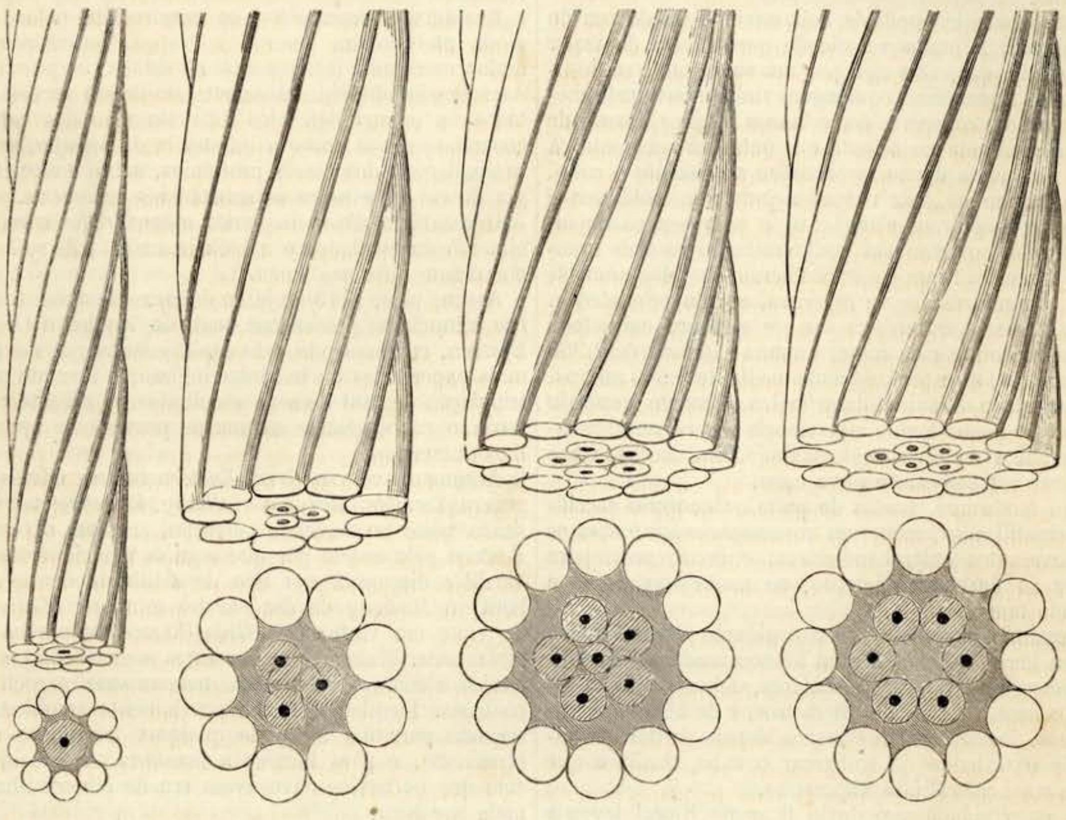
— Que se desejar tornar a ver sua irmã, eu posso leval-a á presença d'ella.

— Para tornar a apertal-a nos braços daria a vida.

— Quando posso vêl-a outra vez?

— Esta noite, ás oito horas.

Chièvres não faltou á hora ajustada. Offereceu-lhe uma das damas da comitiva real para que a acompanhasse a Valhadolid, onde encontraria a irmã. De tal modo conseguiu convencel-a, que Maria, esquecendo-se da gratidão que devia ao senhor de Hevia, ou, antes, inteiramente allucinada pela perfidia do primeiro camarista, seguiu á risca as instrucções d'elle. No dia seguinte saíu logo depois da partida do monarcha, deixando uma carta ao seu protector, na qual pe-



Cabo submarino

dia perdão do passo que dava, mas promettia-lhe voltar assim que tivesse abraçado sua irmã.

Chièvres promettêra-lhe guial-a em Valhadolid. Combinado o seu plano, e certo de que as ordens seriam cumpridas, foi dar conta do occorrido a el-rei, e achou-o mais preoccupado do que lhe convinha dos negocios de estado.

— Não se alegra vossa magestade com as noticias que lhe dou? perguntou o camarista.

— Alegro-me, sim... mas tambem me domina a alma outro sentimento — o da gloria.

— Maria é realmente muito formosa. Não haverá duas como ella n'este reino.

— Que te disse quando soube que eu desejava tornar a vêl-a em Valhadolid?

— Disse-me que seria escrava submissa de vossa magestade.

— Bom... mas não tornes a fallar-me d'ella senão depois de entrarmos em Valhadolid.

Guilherme comprehendeu que era necessario incital-o ainda mais, para que, cedendo á paixão que lhe inspirava Maria, o deixasse a elle na maior liberdade de acção a respeito dos negocios publicos.

— Essa mulher deve sujeitar-lhe o coração. Assim é preciso... disse. E desde então procurou excitar na alma do seu augusto discipulo e moço rei os terriveis desejos que, se não se satisfazem na adolescencia, levam á sepultura.

(Continúa) B. A.

O CABO SUBMARINO

Coube ao anno de 1866, tão fertil em successos maravilhosos, a realisação de um dos mais ousados commettimentos que podiam assignalar o seculo XIX.

A lucta, breve mas encarniçada, que ensanguentou parte da Europa, fez com que passasse quasi despercebido o facto que ha de occupar na historia logar não menos glorioso que os feitos que mais tem assombrado o mundo.

Foi grande para a civilisação o dia 27 de julho de 1866. Eram na Terra Nova 8 horas e 43 minutos da tarde, estava definitivamente terminada a collocação do cabo transatlantico.

Brilhante foi a victoria depois de nove annos de lucta. A primeira tentativa realisou-se em 1857; mas, a 300 milhas da costa da Irlanda, partiu-se o cabo.

Em 1858 foi outro cabo transportado nas fragatas de guerra *Agamemnon*, da marinha ingleza, e *Niagara*, da marinha americana. As duas fragatas tinham recebido uma bussola, disposta de modo que fosse sensivel á corrente que atravessava o cabo, do qual cada um dos navios levava metade. Quasi a meia distancia da Irlanda e da Terra Nova, soldaram as fragatas, no mar alto, os dois extremos do cabo, e em seguida largaram a navegar em sentidos diversos com maxima velocidade. Com a ajuda das bussolas de que fallámos, communicavam-se as duas fragatas irmãs de instante a instante. Trocavam entre si os seus pensamentos e sensações por meio de uma onda de fluido, que percorria tão livremente os anneis do cabo encerrado ainda nos paioes, como a parte d'elle já entregue ao Oceano.

Não havia exemplo de dois navios fugindo um do outro com a maior velocidade que a força do vapor lhes podia dar, sem que por um só instante se desligassem. Nunca duas equipagens tinham navegado moralmente de conserva, por semanas inteiras, apesar de aproarem, uma ao oriente e a outra ao occidente. A 100 milhas de distancia partiu-se novamente o cabo.

Tornaram os dois navios a juntar-se, soldaram o cabo, conseguiram estendel-o, e pelo espaço de alguns dias pozeram em communicação os dois mundos. Transmittiram-se e receberam-se telegrammas; mas, quando menos se esperava, o cabo emmudeceu.

Partira-se por terceira vez; e não era coisa facil achar-lhe o logar da ruptura n'uma extensão de 2:300 kilometros, e na profundidade média de 3:000 metros.

Passado o desanimo do primeiro momento, resurgiu e cobrou novas forças a pertinacia e perseverança caracteristica da raça anglo-saxonia. Era necessario e urgente estabelecer-se novo cabo.

Foi então que, postos de parte os enormes sacrificios inutilisados, metteram novamente mãos á obra os perseverantes emprehendedores, e recorreram, para levar ao fim o seu intento, ao maior navio que o mundo tem visto.

No anno passado recebeu o gigante *Great-Eastern* a seu bordo o cabo, o qual foi accommodado em tres enormes reservatorios circulares, feitos de folha de ferro, com a altura de 20 metros, e de diametros variaveis. Decorridos tres mezes depois de ter principiado o trabalho de embarcar o cabo, media o que estava a bordo 3:565 kilometros.

A extremidade que devia ficar no litoral levou-a outro navio á bahia de Foilhummerum, proximo de Valentia, na Irlanda. Depois de fixo em terra, foi o cabo estendido até o ponto em que estava o *Great-Eastern*. Executada a soldadura, proseguiu a immersão.

A communicação não se interrompia um só instante entre o navio e a terra. De meia em meia hora era a posição exacta transmittida pelos apparelhos do professor Thomson, para esse fim construidos.

Continuou optimamente o trabalho até o segundo dia, em que um defeito de isolação interrompeu o circuito. Recolhido novamente o cabo, descobriu-se, depois de examinados minuciosamente 16 kilometros, um fragmento metallico que o perfurára, e cuja presença não se sabia a que devêra attribuir-se. Reparado o accidente, seguiu a operação o seu curso regular; mas, á distancia de 1:023 kilometros de Valentia, manifestou-se nova interrupção. Indicou o exame a que sem demora se procedeu, que a interrupção provinha de que o cabo se enrolára sobre si mesmo em espiral, e que por isso a tensão destruira a homogeneidade do involucro isolador. A 1:708 kilometros de Valentia partiu-se o cabo inopinadamente.

A bordo havia os apparelhos necessarios para dragar o cabo; tinham-se já erguido outros no Mediterraneo, bastante pesados, e da profundidade de 200 metros. Tentaram a experiencia, e por tres vezes foi o cabo trazido até certa distancia da superficie; na ultima chegou a meia profundidade. Decorridos oito dias em esforços inuteis, e reconhecida a impossibilidade de colher o cabo, collocaram duas boias exactamente no sitio em que elle ficára, e em seguida navegou o *Great-Eastern* e a sua escolta para Inglaterra, onde, apesar do mau exito, foram recebidos de modo condigno á grandeza da tentativa.

Esta segunda fatalidade acabou de abalar a confiança que resistíra á ruptura do cabo em 1858.

Todavia, apesar do desanimo geral, houve ainda quem ficasse convencido de que não era impraticavel o commettimento, e que o mau exito das tentativas que se haviam feito fôra apenas devido á imperfeição do cabo, e ás más condições em que o tinham estendido.

Reanimados novamente os esmorecidos pelos que ainda não tinham perdido a crença, foram com o maior escrupulo interrogados os sabios, os principes da sciencia electrica. Submetteram-lhes á apreciação todos os pontos delicados da collocação dos cabos, consultaram-n'os sobre a influencia da pressão, sobre as sondagens dos mares profundos, sobre a metallurgia do cobre, e sobre as substancias isoladoras.

O resultado d'este inquerito magistral foi o renascimento da confiança e a idéa immediata de se levar por diante novo tentamen.

Assim, pois, a 13 de julho do corrente anno, tomadas minuciosas precauções, saíu do Tamisa o *Great-Eastern*, commandado pelo capitão Anderson, um dos mais experientes da marinha ingleza, e levando uma tripulação de 700 homens escolhidos. O gigante conduzia o cabo, grande somma de provisões e apparelhos numerosos.

Acompanhavam o *Great-Eastern* os tres navios de guerra *Terrible*, *Medway* e *Albany*. Estes tres navios, sendo noite ou havendo cerração, seguiam o *Great-Eastern* pela ordem por que aqui os mencionâmos. O *Terrible* disparava um tiro de artilheria de hora a hora; o *Medway* de dez em dez minutos; o *Albany* de vinte em vinte; e o *Great-Eastern* de meia em meia hora. Tinham por fim estes signaes darem os navios a conhecer uns aos outros as suas respectivas posições. Identicos signaes previamente combinados serviam para dar aviso de qualquer transtorno que occorresse, e para indicar a manobra. A velocidade com que os navios navegavam era de cinco milhas e meia por hora.

Ao decimo quarto dia de viagem entregava o *Great-Eastern* na Terra Nova o extremo do cabo confiado á profundidade do Oceano, sem que na travessia o contrariasse o menor accidente.

Assim se consummou, depois de tão grandes perdas e successivos desastres, um dos maiores feitos d'este seculo.

Quanto ao fabrico do cabo, está o ultimo quasi a par do primeiro; reduziram-se as modificações á diminuição do peso e ao modo de o preservar exteriormente. Os maiores progressos alcançados verificaram-se no augmento das distancias transpostas pelo cabo, e no acerto das precauções adoptadas para o estender no fundo do mar.

Póde-se, pela gravura que damos, avaliar mui aproximadamente a contextura dos cabos submarinos. No primeiro que se fabricou, e collocou entre Douvres e Calais, é cada um dos quatro fios de cobre revestido de gutta-percha, a qual na gravura é indicada pela sombra pouco carregada que rodeia o ponto preto central. Este ponto representa a secção do fio de cobre. Os quatro fios assim preparados são envolvidos pela massa de lona alcatroada que se representa pela sombra mais escura. Por fóra é tudo coberto com fios de ferro galvanisado, formando uma especie de armadura completa e bem fechada. O aspecto exterior e a fórma de

helice d'este involucro é o que a gravura apresenta. Como por ella se vê, a differença dos cabos provém unicamente do numero de fios, que os faz variar sensivelmente de grossura.

No principio do fabrico admittiu-se que um corpo assaz pesado para mergulhar devia-o ser tambem para chegar ao fundo. Consequentemente, revestiram o cabo de uma armadura de fio de ferro, como acima dizemos, armadura que devia protegel-o durante a descida. O cabo assim fabricado funccionou por alguns dias; existia realmente a communicação; mas depois tornaram-se os despachos cada vez mais inintelligiveis, e a final interromperam-se inteiramente.

Attribuiu-se a principal causa d'este acontecimento ás correntes de inducção a que dava origem a proximidade em que se achavam o involucro metallico e os fios de cobre internos destinados a dar passagem á corrente.

No cabo que em seguida se fabricou foram substituidos por cordas de linho os fios de ferro que completavam o anterior. Mais forte que o precedente, tornára-se proporcionalmente menor o seu peso. A sua resistencia á ruptura era de 775 contra 350 kilogrammas. Além d'isso, calcularam-lhe tambem a resistencia sufficiente para poder com o seu proprio peso na extensão de 17 kilometros, supposto o maior bolso que podia fazer na descida. Foi este o que o *Great-Eastern* não conseguiu estender na penultima tentativa.

No ultimo, no que ligou por fim os dois mundos, foi o peso mais reduzido ainda, não excedendo a 1:500 kilogrammas por milha; no involucro houve pequenas modificações, e ao que mais se attendeu foi a obstar que o cabo se torcesse, como succedêra ao precedentemente immergido.

O cabo de Douvres a Calais, que foi feito em tres semanas pelos srs. Newall & Comp., media em principio 24 milhas. Depois, por se ter attendido com pouca exactidão á distancia, foi necessario fabricar um cabo supplementar, que completou o que já estava estendido. Custou este cabo, que percorre 24 milhas, proximamente 36:000$000 réis.

O triumpho que a sciencia alcançou este anno, ligando os dois mundos, custou 5.400:000$000 réis!

O cabo de 1866 póde transmittir oito palavras por minuto. Sendo assim, e pelo preço actual dos despachos, trabalhando sem interrupção e isento de transtornos, deve o cabo produzir 32$000 réis por minuto, 1:920$000 réis por hora, ou 46:080$000 réis por dia.

Tal é a recompensa enorme, com que os accionistas da colossal empreza podem ver recompensados os seus não menos enormes sacrificios.

S. V.

PORTO

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL PORTUGUEZA DE 1865

(Vid. pag. 163)

Contigua á exposição italiana, na mesma nave lateral, estava a brasileira. Concorreram do Brasil a este certamen da industria cincoenta e sete expositores. Como a maior parte dos productos pertenciam a bellas artes e a outras classes que tinham logares especiaes no palacio de cristal, os que se achavam n'aquella nave lateral occupavam pequeno espaço.

Apesar da pressa que levâmos n'esta visita á exposição, por deferencia para com um povo nosso irmão, e ligado comnosco por tantos vinculos, vamos fazer uma excepção em seu favor, mencionando em abbreviado catalogo os nomes dos expositores e os principaes productos que exhibiram.

Srs. *Guimarães & C.ª*, do Rio de Janeiro, madeiras de construcção; *Manuel Joaquim Teixeira Primo*, Amazonas, uma cobra de Guaraná, uma rede de cipó, etc.; *Antonio Francisco Torres Junior*, Campos, provincia do Rio de Janeiro, alcool summamente fino e desinfectado, de 34 graus, feito de canna saccharina, com machina e systema de nova invenção; assucar mascavinho superior, café, livre de gosto terreo; *Fernandes e Brito*, Rio de Janeiro, cerveja; *João Antonio Rodrigues*, Rio de Janeiro, cerveja branca e preta, e cognac; *Antonio José Gomes Pereira Bastos*, Rio de Janeiro, cerveja; *Francisco Luiz Carreira*, Ceará, vinho de cajú; *Joaquim Honorio da Silva Rebello*, Santarem do Pará, vinho de cajú, vinagre e aguardente do mesmo fructo; *Peixoto Braga & Irmão*, Rio de Janeiro, licores diversos e aguardentes; *Eduardo Leopoldino da Silva Ribeiro*, Rio de Janeiro, vinagre; *Francisco Pereira de Vasconcellos*, Bahia, conservas; *C. Corrêa de Sá Pinto & C.ª*, Santo Aleixo, farinha de mandioca; *José Antonio de Macedo*, Rio de Janeiro, farinha; *José Thomaz Pereira Soares*, Rio Grande do Sul, araruta; *Francisco da Silva Castro*, Rio de Janeiro, charutos; *Guimarães & C.ª*, Nictheroy, tabacos, cigarros de papel e palha; *João Constantino Pereira Guimarães*, Minas Geraes, tabaco crespo para cigarros e cachimbo; *Joaquim Lourenço Alves*, Bahia, charutos; *Manuel José de Araujo Sousa*, Rio de Janeiro, tabacos; *A. Araujo & C.ª*, Nictheroy, cigarros de papel e de palha, e tabaco de fumo picado, de Minas; *Paulino Barbosa*, Rio de Janeiro, rapé; *Candido Ferreira Jorge da Costa*, charutos; *Isaac Esnaty*, Pernambuco, rapé imperial; *José Furtado de Simas*, Bahia, charutos; *A. Lisaur*, *Novaes & Barbosa*, Rio de Janeiro, cigarros e picadilho; *G. Schnorbusch*, Bahia, charutos; *Domingos José da Silva Faria*, Rio Grande do Sul, um chifre monstruoso de boi e dois de veado, differentes obras de selleiro e peças de cabo de coiro; *João Augusto Ferreira de Almeida*, Rio de Janeiro, velas e sabão; *F. Tribbiano*, Rio de Janeiro, vernizes para moveis; *Joaquim de Almeida Pinto*, Pernambuco, collas; *A. Ernesto Frederico dos Santos*, Rio de Janeiro, productos chimicos; *Felix Farant*, Rio de Janeiro, productos pharmaceuticos; *José Bernardino Dias Medronho*, Rio de Janeiro, um projecto de bomba de apagar incendios, movida por manivellas; *Antonio Maria de Mascarenhas*, Rio de Janeiro, varios apparelhos de physica; *José Maria dos Reis*, Rio de Janeiro, diversos instrumentos de precisão, 66 oculos e lunetas de oiro de lei, e uma palmeira de prata; *D. Joanna Giraldina Maria Bonando*, Rio de Janeiro, um quadro bordado, retrato de sua magestade o imperador do Brasil; *D. Petronilha Augusta Corrêa Teixeira* e *D. Engracia Augusta Corrêa Teixeira*, Rio de Janeiro, um quadro intitulado «Attenção perigosa», bordado com differentes fios e oiro; *D. Rita Adelaide Soares*, Santa Catharina, um quadro com flores feitas de escamas de peixe, no valor de 100$000 réis; *Tarquinio Theotonio de Abreu Guimarães*, Rio de Janeiro, tres sellins elasticos de coiro de porco; *Bierrenbach & Irmão*, S. Paulo, chapéos; *Costa, Braga & C.ª*, Rio de Janeiro, diversas qualidades de chapéos de seda e pello de lebre, castor, etc.; *Gonçalves & Braga*, Rio de Janeiro, chapéos; *J. A. Motta*, Porto Alegre, chapéos; *Joaquim Pinto Vieira*, Porto Alegre, botinas e botins; *Servetti & Silva*, Rio de Janeiro, diversas qualidades de calçado; *Manuel Joaquim de Oliveira Junior*, Rio de Janeiro, tinta violeta; *Domingos da Cunha Taborda*, Ceará, specimens zoologicos, paleontologicos, botanicos, mineralogicos, etc., da dita provincia; *Adelino Amancio Moreira*, Minas Geraes, varios objectos de obra de torneiro e marceneiro, feitos de diversas madeiras; *Manuel Joaquim Teixeira Primo*, Amazonas, uma rede de cipó, etc.; *Antonio Araujo de Sousa Lobo*, Rio de Janeiro, cinco quadros de pintura a oleo; *Diogo Luiz Cypriano*, Rio de Janeiro, miniatura em marfim; *Joaquim Insley Pacheco*, Rio de Janeiro, quatro paineis de paizagem a oleo e pho-

tographias; *Joaquim da Silva Paranhos*, Rio de Janeiro, dois quadros com desenhos a lapis; *José Thomaz da Costa Guimarães*, Rio de Janeiro (é natural dos Arcos de Val de Vez, em Portugal), um quadro a aguarella, cópia de um painel de Van-Dick, tres miniaturas, e um desenho a lapis, cópia de uma gravura; *João Francisco Carneiro*, Rio de Janeiro, armas reaes portuguezas abertas em vidro de espelho estanhado pelo novo systema *argentum nitricum*; *Quintino José de Faria*, Rio de Janeiro, diversas medalhas de prata, offerecidas á *Sociedade Madrépora* para esta as distribuir a quem lhe parecesse; *Christiano Junior*, Rio de Janeiro, photographias de costumes brasileiros; *Van Nyvel, Guimarães & C.ª*, Rio de Janeiro, photographias.

O resto do salão, que era a quarta parte d'elle, estava occupado exclusivamente com productos da industria portugueza.

D'entre os muitos objectos que alli se achavam expostos, faremos menção dos que a nossa memoria nos apontar como mais dignos de attenção. Muitos, que estavam n'este caso, deixaremos, certamente, de incluir na lista, por esquecimento, não tanto dos objectos, como do logar em que os tinham collocado. É este um grande inconveniente do systema que seguimos n'esta visita do palacio da exposição; pois que é preciso a cada passo recorrer á memoria, para que ella, reconstruindo a extincta exposição, distribua e disponha os productos nas salas e logares em que estiveram collocados. Já se vê, portanto, que o systema é trabalhoso, difficil e muito imperfeito; porém, por um lado, obrigou-nos a adoptal-o a ordem das gravuras, e a necessidade, para as explicar, de ir descrevendo o interior do edificio ao mesmo tempo que tratámos da exposição; por outro lado, nunca pensámos em fazer um trabalho regular sobre este grande certamen da industria, pelas razões que já démos de incompetencia da nossa parte, e da impropriedade d'este jornal para tratar assumptos que, por seu desenvolvimento, só são proprios para revistas ou livros expressamente destinados a esse fim.

Como não temos seguido n'esta simples resenha especie alguma de ordem relativamente aos productos expostos, sendo tambem certo que nenhuma classificação methodica se guardára na sua disposição, sem dúvida por não se prestar a isso o edificio, começaremos pela arte typographica, que tão grandes progressos tem feito em o nosso paiz.

Cabe o logar de honra á *imprensa nacional*. Os especimens typographicos e de fundição de typos que expoz sustentaram a reputação que adquiriu na exposição de Londres, onde foi julgada como um estabelecimento typographico modêlo. E, com effeito, segundo a opinião de pessoas estrangeiras muito competentes n'esta materia, é a imprensa nacional de Lisboa um dos bons estabelecimentos d'este genero na Europa.

A *sociedade typographica Franco-portugueza*, Lisboa, exhibiu uma grande e variada quantidade de specimens typographicos, impressos em papel e setim, uns encaixilhados, outros formando albuns, e todos dando testimunho do desenvolvimento e estado florescente d'esta imprensa.

A typographia do sr. *Castro Irmão*, em Lisboa, um dos editores e fundadores do *Archivo Pittoresco*, apresentou diversos specimens de trabalhos typographicos, figurando entre elles os sete volumes d'este semanario então publicados, nos quaes é bem visivel não só o progresso que a dita typographia tem feito, para honra da nobre arte de Guttenberg, senão tambem o desenvolvimento e lustre que o *Archivo Pittoresco* tem dado á gravura em madeira.

Além d'isto, o sr. Castro Irmão apresentou uma chapa typographica, feita com laminas de zinco, genero de trabalho que o jury da exposição internacional de Paris de 1855 premiou e classificou como invento. Este systema substitue em muitos casos, com grande vantagem, a gravura na composição de figuras geometricas. Os bilhetes e tarjas, de cujos trabalhos especiaes apresentou tambem um variado sortimento, são apropriados para muitos usos no commercio, e principalmente para pharmacias, para exportação de vinhos e licores, dos quaes fornece já as principaes casas tanto de Portugal como do Brasil.

A *typographia Portugueza*, de Lisboa, nas differentes obras impressas que expoz, entre as quaes se via um bello exemplar da Carta Constitucional, fez bem patente a sua boa organisação e adiantamento.

Concorreram tambem com os seus productos a *typographia Lusitana*, do Porto, e a *imprensa Litteraria*, de Coimbra.

Os nossos encadernadores figuravam tambem aqui de um modo muito distincto, apresentando algumas encadernações que se podiam comparar em riqueza, perfeição e bom gosto, com as melhores que recebemos dos paizes estrangeiros. Os encadernadores que concorreram á exposição foram os srs. *Francisco Gomes da Fonseca* e *João Baptista Limon*, do Porto; e *Lisboa & C.ª* e *Ferin & Robin*, de Lisboa.

Achavam-se egualmente n'este salão alguns trabalhos de calligraphia muito primorosos. Eram dois quadros historicos feitos á penna com extraordinaria delicadeza pelo sr. *Francisco José Vanderkinderen*, do Porto, cada um do valor de 135$000 réis; e outros dois, de que fallámos a pag. 31, obra dos srs. *Domingos Nunes Godinho*, de Lisboa, e *Fernando Nunes Godinho*, de Evora; do sr. *Carlos Silva*, professor de calligraphia em Lisboa, tres albuns com alphabeto maisculo, etc., com uma collecção de pautas calligraphicas e ensaios, etc.; do sr. *Francisco Joaquim Cerqueira*, de Lisboa, tres quadros calligraphicos; do sr. *Luiz Adelino Lopes da Cruz*, de Coimbra, um quadro de estudo de calligraphia; e uma arte de escripta do professor *Joaquim José Ventura da Silva*.

As nossas fabricas de papel fizeram uma exposição dos seus productos muito interessante, tanto pela variedade d'elles, como pela boa qualidade de alguns. Concorreram os seguintes expositores: srs. *Ribeiro & C.ª*, fabrica de Vizella, várias qualidades de papel; *fabrica da Abelheira*, Tojal, papel para escrever, para imprimir, de côres e de embrulhar; *companhia de papel de Alemquer*, diversas qualidades de papel; *D. Leonor Tavares de Lima*, Covilhã, papel cartão para dar lustro aos pannos de lã; *Bento Luiz Ferreira Carmo*, Braga, papel almasso e de peso; *Carlos Moreira Aranha Furtado Mendonça*, Pedorido, Castello de Paiva; *Francisco de Assis Pereira de Carvalho*, Oliveira de Azemeis, papel almasso de trapo; *Joaquim de Sá Couto*, Feira, papel de madeira de pinho com 25 por cento de trapo; *Manuel Pinto de Almeida*, Feira, papel almasso e de fumar; *João Pinto da Conceição e Avelar*, Feira, diversas qualidades de papelão; *visconde de Villa Nova da Rainha*, Lisboa, papel.

Expozeram os srs. *Arnaldo Alves de Sousa*, Porto, methodo para preparar vinhos; *conde de Samodães*, Porto, manual de sericultura; *Viuva Moré*, Porto, collecção de todas as edições d'esta casa editora; *João Allen*, Porto, desenhos de geometria descriptiva, e um projecto para um gabinete de leitura; *Antonio Polycarpo Cardoso Cruz*, Braga, cartas geographicas; *Emiliano Augusto Bettencourt*, architecto do ministerio das obras publicas, cartas geographicas e outros trabalhos; *José Manuel Bernardes de Abreu e Lima*, e *Pedro Augusto de Figueiredo*, de Lisboa, vinte exemplares da *Historia natural das aves*, etc.; e *Thomaz de Sousa Pereira Veiga*, de Braga, uma collecção de plantas medicinaes em hervario.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.